

## PALAVRAS CITADAS DO INTERLOCUTOR: ESTRATÉGIA DE ARGUMENTAÇÃO NAS CARTAS ARGUMENTATIVAS DO VESTIBULAR DA UNICAMP

Daniela Campos de la NUEZ<sup>1</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é mostrar como a citação da palavra do interlocutor pode se tornar uma importante estratégia de argumentação no gênero carta argumentativa do Vestibular da Unicamp. A carta é um gênero discursivo que circula pelas várias esferas sociais. O Vestibular se apropria desse gênero para utilizá-lo como forma de avaliação, caracterizando-a como uma carta em que um locutor deve argumentar a fim de se convencer um determinado interlocutor. Considerando a questão da ficcionalização (Schneuwly, 2004), pode-se dizer que as propostas das cartas argumentativas exercem função reguladora e modeladora desse gênero, na medida em que apresentam instruções ou “parâmetros contextuais” que orientam a escrita do vestibulando. Uma análise das propostas mostra que, em várias, a ficcionalização traz um texto de opinião de um sujeito e pede para que o vestibulando, em sua carta, argumente a fim de discordar da sua opinião. A análise de cartas argumentativas produzidas a partir dessa orientação, no Vestibular de 1993, indicia a construção de uma relação polêmica (Maingueneau, 2005), em que a argumentação do locutor é construída a partir de argumentos e, sobretudo, a partir da desqualificação do discurso e do ethos (Maingueneau, 1997) do seu interlocutor. Essa análise também indicia que a citação das palavras do outro – do interlocutor – no fio da argumentação pode ser considerada a principal estratégia argumentativa na desqualificação do ethos e do discurso do seu interlocutor, caracterizando a argumentação no gênero carta argumentativa do Vestibular da Unicamp.

**ABSTRACT:** The purpose of this paper is to show how the citation of the interlocutor's words may be an important argumentative strategy in the discursive genre called argumentative letter in Unicamp Vestibular. Letters are a discursive genre used in various social spheres and is used in Unicamp Vestibular as a form of evaluating students' writings. The genre is characterized in Vestibular as a letter in which the speaker has to argue in order to convince a certain interlocutor. Based on Schneuwly's (2004) proposal of *fictionalization*, we can assume that the proposals of argumentative letters regulate and model this genre, as they present instructions that direct the students' writings. The analysis of the proposals shows that they often have an opinative text and the students are invited to write a letter to the author of this text with arguments in the opposite direction. The analysis of a *corpus* of argumentative letters written by students in 1993 Vestibular suggests that there is a *polemic relation* (Maingueneau, 2005), where the arguments are built specially by disqualifying the interlocutor's discourse and *ethos* (Maingueneau, 1997). The analysis also indicates that the citation of the interlocutor's words may be considered the main argumentative strategy employed in order to disqualifying the interlocutor's discourse and *ethos*, being thus the main characteristic of this genre in this situation.

### 1. INTRODUÇÃO

De acordo com Bakhtin (1979), a existência de diversos gêneros do discurso está associada à possibilidade de inúmeras e diferentes atividades humanas. Na medida em que os campos de atividades se tornam mais complexos e diversificados, torna-se necessária a (re)criação de gêneros discursivos que atendam às necessidades dos sujeitos em diferentes situações de interação.

---

<sup>1</sup> Aluna de Mestrado em Linguística Aplicada da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP).

Dentre os gêneros discursivos que circulam pelas várias esferas sociais pode-se destacar a carta. De acordo com a situação interacional, a carta toma contornos diferentes que vão desde a carta familiar até carta aberta de reivindicação. Não é por acaso que este é um gênero muito estudado. Um exemplo disso é o livro organizado por Walnice Galvão (2000), *Prezado senhor, prezada senhora: estudos sobre cartas*. Nele são reunidos vários estudos sobre correspondências, principalmente as que envolvem famosos da literatura, em diferentes épocas. Já Bazerman, em um artigo intitulado “Cartas e a Base Social de Gêneros Diferenciados” publicado no livro *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação* (2005), apresenta os diferentes usos da carta ao longo da história.

Como muitos gênero discursivo, a carta argumentativa é passível de ser *recontextualizada* (Barton, Hall, 1999:9). Isso pode ser observado no Vestibular da Unicamp. Especificamente a carta argumentativa que está inserida na prática social em que leitores escrevem para um jornal ou para uma revista comentando um assunto ou concordando ou discordando de uma opinião já dada sobre um assunto é recontextualizada pelo Vestibular da Unicamp – que é uma outra prática social – como forma de avaliação dos candidatos que concorrem a uma vaga nesta universidade. A recontextualização da carta argumentativa pelo vestibular implica a recriação ou a adaptação deste gênero, já existente, em um outro que, no caso, passa a ser entendido como um gênero escolar. Dessa maneira, suponho que a carta argumentativa no Vestibular da Unicamp, como gênero recontextualizado e recriado a partir do gênero carta argumentativa que circula na sociedade, pode apresentar características diferentes das da carta argumentativa escrita por leitores a jornais e revistas em função dos objetivos da prática social vestibular.

Considerando as idéias colocadas acima, esse artigo busca mostrar como pode ser caracterizada a argumentação na carta argumentativa do Vestibular da Unicamp, focando a questão da citação da palavra do interlocutor como importante estratégia argumentativa. Para isso, antes se faz necessário entender como as propostas das cartas argumentativas influenciam na produção desse gênero.

## 2. A FICCIONALIZAÇÃO NAS PROPOSTAS DE CARTA ARGUMENTATIVA

Considerando as palavras de Schneuwly

A ficcionalização revela-se como operação geradora da “forma do conteúdo” do texto; ela é o motor da construção da base de orientação da produção, colocando, particularmente, certas restrições sobre a escolha de um gênero discursivo. (Dolz; Schneuwly, 2004: 129-148)

pode-se dizer que, as propostas de carta argumentativa, apresentam ficcionalizações diversas que exercem função reguladora e modeladora desse gênero, na medida em que apresentam instruções ou *parâmetros contextuais* (Dolz; Schneuwly, 2004: 129-148) que orientam a escrita do vestibulando.

A análise das propostas do período de 1987<sup>2</sup> a 2003<sup>3</sup> mostra que, em várias, a ficcionalização traz um texto de opinião de um sujeito e pede para que o vestibulando,

---

<sup>2</sup> Em 1987, a Unicamp se torna responsável pelo seu processo seletivo.

em sua carta, argumente a fim de discordar da sua opinião. Considera-se que essa orientação influencie a argumentação desenvolvida na carta.

A seguir, será apresentada a proposta de carta argumentativa do Vestibular de 1993 – como exemplo representativo da ficcionalização contida na maioria das propostas do período focado. O objetivo é verificar como a ficcionalização da proposta pode influenciar a argumentação nas cartas.

Comentando o noticiário relativo às manifestações da juventude no período em que se discutia a possibilidade de impeachment do Presidente Collor, o sr. E.B.M. enviou ao jornal Folha de São Paulo a seguinte carta:

*É irritante ler, nas últimas semanas, a cobertura das manifestações contra o poder central por parte da “juventude”. Excluindo qualquer juízo de valor sobre o processo, o que se deve ter como verdade é que é exatamente fantasioso se admitir que a nossa juventude tenha toda essa capacidade de percepção. É notória a cretinice da juventude brasileira. O ‘zeitgeist’\*, o espírito da época, submerge a atual geração num mar de hedonismo\*\* e irresponsabilidade. É lindo fazer revolução com tênis Reebok e jeans Fórum. O que eu gostaria de ver, mesmo, é como essa juventude vagabunda, indolente e indisciplinada como a brasileira se portaria diante de um grupo de choque, como nos confrontos que ocorrem em Seul.*

(E. B. M., Paineis do leitor, Folha de São Paulo, 01/09/92)

\*zeitgeist – termo alemão que significa exatamente espírito de época.

\*\*hedonismo – [prática da] doutrina que considera que o prazer individual e imediato é o único bem possível.

A leitura atenta da carta do sr. E.B.M. permite identificar algumas de suas opiniões sobre os jovens, expressas mais ou menos diretamente. Para escrever sua redação, siga as seguintes instruções: Identifique três das opiniões emitidas pelo sr. E.B.M.; Transcreva-as na sua folha de redação; Após ter feito isso, escreva uma carta, dirigida ao sr. E.B.M., apresentando argumentos para convencê-lo de que está equivocado. Nesse exercício de argumentação, você deverá discordar, portanto, das opiniões que identificou na carta.

Como pode ser observado na proposta, sr. E.B.M. é contra as manifestações que os jovens fazem a favor do impeachment do então presidente Collor, pois julga que a juventude brasileira não tem grande percepção para certos processos políticos-sociais. A juventude é desqualificada por meio de vários adjetivos: “covarde”, “cretina”, “hedonista”, “indolente”, “indisciplinada” e “irresponsável”. Ao mesmo tempo em que ataca o “adversário”, sr. EBM tenta se sustentar na imagem de um homem inteligente, maduro, sensato. O uso de um vocabulário formal, a citação de uma palavra estrangeira (“zeitgeist”) e de um fato político-social (confrontos em Seul) são indícios lingüísticos que ajudam a validar a imagem que o sr. EBM faz de si mesmo. Em outras palavras, ele se vê como alguém que tem uma imagem muito diferente daquela que ele constrói sobre a juventude.

Essa imagem está associada ao *ethos*<sup>4</sup> discursivo. De acordo com Maingueneau, a noção de *ethos*, “além da persuasão por argumentos, permite refletir sobre o processo mais geral da adesão de sujeitos a uma certa posição discursiva”. (Amossy [org.], 2005: 69). Assim, citando as palavras de Maingueneau, o *ethos* pode ser considerado

---

<sup>3</sup> A observação das propostas do período de 1987<sup>3</sup> a 2006 aponta mudanças significativas<sup>3</sup> na Prova de Redação a partir do ano de 2004. Dentre as mudanças, a mais significativa para este estudo é o fato de que a coletânea de textos na Prova de Redação passa a ser única para as três propostas de redação: narrativa, dissertação e carta argumentativa. Até 2003, cada proposta possuía a sua coletânea. Dessa maneira, pretendo, neste artigo, focar o período que antecede tais mudanças.

<sup>4</sup> Emprestei da Análise do Discurso, especificamente da teoria de Maingueneau, o embasamento teórico necessário para discutir a questão do *ethos*, tão importante para este trabalho.

uma instância subjetiva que se manifesta não só por meio do discurso, mas também como voz e, além disso, como “corpo enunciante”, historicamente especificado e inscrito em uma situação, que sua enunciação ao mesmo tempo pressupõe e valida progressivamente. (Amossy [org], 2005: 70)

Pode-se dizer que esta ficcionalização – assim como as outras que a ela se assemelham – espera que o vestibulando detecte o ethos do sr. E.B.M. e trabalhe-o na argumentação de sua carta a fim de discordar da opinião do seu interlocutor. Dessa maneira, supõe-se que a argumentação na carta, além de ser construída a partir de argumentos, é também construída a partir do trabalho com ethos do interlocutor. Entendendo que a proposta sugere uma espécie de relação polêmica entre locutor – “máscara” criada pelo vestibulando – e interlocutor – sr. E.B.M. – uma vez que os dois pertencem à formações discursivas diferentes, pode-se supor que, como estratégia argumentativa, o ethos e o discurso do interlocutor devam ser desqualificados pelo locutor em sua carta.

Na próxima seção, pretende-se verificar de que maneira a suposição colocada acima aparece nas cartas. Para isso, serão utilizados trechos de cartas produzidas no Vestibular de 1993.

### 3. A RELAÇÃO POLÊMICA E O ETHOS DO SR. E.B.M. NA ARGUMENTAÇÃO DAS CARTAS

Considerando que, em uma relação polêmica, a interação de uma formação discursiva com o Outro passa pela interpretação que ela faz do discurso do Outro a partir de seu sistema semântico, pode-se dizer que, na realidade, a formação discursiva não interage com o discurso “verdadeiro” do Outro, e sim com o *simulacro* que constrói do discurso do Outro dentro da semântica que delimita o seu discurso. De acordo com Maingueneau

A cada posição discursiva se associa um dispositivo que a faz interpretar os enunciados de seu Outro traduzindo-os nas categorias do registro negativo de seu próprio sistema. Em outras palavras, esses enunciados do Outro só são compreendidos no interior do fechamento semântico do interprete; para constituir e preservar sua identidade no espaço discursivo, o discurso não pode haver-se com o outro como tal, mas somente com o simulacro que constrói dele. (Maingueneau, 2005: 103)

Para o mesmo autor, na polêmica

É preciso desqualificar o adversário, custe o que custar, porque ele é constituído exatamente do Mesmo que nós, mas deformado, invertido, conseqüentemente, insuportável. A polêmica supõe todas as dimensões da discursividade podem estar implicadas (a querela pode incidir sobre o ethos, a intertextualidade, a deixis, etc.). (Maingueneau, 1997, 124).

Os vestibulandos, partindo de formações discursivas diferentes – até mesmo adversárias, se considerarmos a relação polêmica instaurada – à formação discursiva do sr. E.B.M., tentam interpretar, “traduzir” o discurso e o ethos do outro de acordo com o sistema semântico da sua formação discursiva, construindo, assim, a partir da leitura do

texto de opinião do sr. E.B.M., um simulacro do ethos que emana do discurso desse senhor. Dessa maneira, pode-se dizer que o objetivo do locutor na relação polêmica é desqualificar o discurso e construir um simulacro do ethos (ou um anti-ethos) do seu interlocutor no fio da argumentação.

A análise de algumas cartas argumentativas indicia a desqualificação do discurso do sr. EBM, considerado como simplista e generalizante pelo locutor. O anti-ethos do sr. EBM também é rebaixado: para o locutor, o interlocutor é um sujeito ingênuo, egoísta, autoritário e agressivo. O mais interessante são os indícios da desqualificação do ethos e do discurso do sr. EBM a partir das citações de suas palavras pelo locutor na argumentação da carta.

Sobre a citação na relação polêmica, Maingueneau observa que:

A citação não é somente um fragmento de enunciado; ela pode ser somente isso quando se faz dela uma exploração mínima. Mas com o enunciado vêm [...] tudo o que tem a ver com a semântica global. É por intermédio de tudo isso, igualmente, que a alteridade se manifesta: é o que rompe a continuidade do Mesmo, é o corpo verbal do Outro, seu modo de “incorporação”; colocado em conflito com o corpo citante que o envolve, o elemento citado se expulsa por si próprio, pelo simples fato de que ele se alimenta de um universo semântico incompatível com aquele da enunciação que o envolve. A tradução do Outro, a construção de um simulacro podem, pois, abranger todos os planos da discursividade. (Maingueneau, 2005: 112)

Nas cartas, a citação das palavras do interlocutor no fio da argumentação desqualifica a acusação feita acerca da juventude; ao mesmo tempo, desqualifica o discurso e o anti-ethos do interlocutor. Observe:

A juventude brasileira, “*cretina, vagabunda, indolente e indisciplinada*”, usaria tênis Reebok e jeans Fórum. Se este melhor dos mundos, ao estilo de Voltaire, fosse assim, o miserável adolescente da Freguesia do Ó, que chacoalha nos trens urbanos, se expreme nos ônibus da cidade, luta por uma chance de experimentar o mínimo de dignidade em subempregos...

No fragmento acima, a citação dos adjetivos entre aspas indicia que a caracterização da juventude brasileira feita pelo interlocutor é estranha ao discurso principal: o uso das aspas marca os limites dos discursos que dialogam. Junto à refutação do discurso do interlocutor, o exemplo baseado na experiência real de vida de muitos jovens brasileiros – “o miserável adolescente da Freguesia do Ó, que chacoalha nos trens urbanos, se expreme nos ônibus da cidade, luta por uma chance de experimentar o mínimo de dignidade em subempregos” – indicia a opinião do locutor acerca dos jovens: sérios, trabalhadores, fortes e responsáveis. Em outras palavras, a oposição entre os ethos de uma mesma juventude construídos a partir de formações discursivas diferentes – jovens alienados e vagabundos, na interpretação do sr. E.B.M.; e jovens responsáveis e sérios, na interpretação do locutor – colabora com a construção do anti-ethos e da desqualificação do discurso do interlocutor: o locutor o considera um sujeito ingênuo diante da realidade da grande parte dos jovens do país, além de ter um discurso simplista e generalizante.

O segundo exemplo mostra o mesmo movimento de desqualificação:

Quanto ao fato de o senhor achar notória a *cretinice da juventude brasileira*, eu devo dizer que *notório é o fato de o senhor julgar cretina*, uma parcela majotitária da população do seu país... *Cretinas* são as atitudes de um chefe de nação como Fernando Collor. E *cretinos* seriam os jovens sim, mas se assistissem a tal processo degradante de braços cruzados.

Neste exemplo, o discurso indireto introduz as palavras do sr. E.B.M. através do verbo “achar”. Considerando os critérios de Ducrot para classificar os verbos de opinião, Maingueneau expõe que *achar* “implica um julgamento pessoal fundado sobre uma experiência; implica uma experiência própria da coisa (Maingueneau, 1997: 88). Dessa maneira, o emprego deste verbo indicia a desqualificação do discurso do interlocutor, uma vez que, para o locutor, é simplista o julgamento pessoal que o interlocutor faz sobre os jovens, a partir de um estereótipo construído pela sociedade, que representa um dos possíveis simulacros construído a partir de algumas ações de alguns jovens. Ainda em relação aos verbos dicendi usados no exemplo acima, *julgar* também desqualifica a opinião do interlocutor sobre a juventude, uma vez que denota um valor pessoal em relação a algo ou alguém, e, sendo assim, não remete à verdade. Além disso, a retomada, na carta, da palavra *cretino* do discurso do interlocutor – usada para desqualificar os jovens – desqualifica não só o então presidente da república, Fernando Collor de Mello e os jovens que, diante da situação, ficam de *braços cruzados*, mas também, implicitamente, o anti-ethos do sr. EBM, interpretado pelo locutor como um sujeito que, assim como alguns jovens, permanece passivo diante da conjuntura política do país.

O último exemplo tem o discurso indireto introduzindo a refutação e desqualificação do interlocutor. Observe:

“Essa juventude que o senhor citou como *vagabunda, indolente e indisciplinada* é o futuro do seu país e não precisou partir para a violência de uma revolução para lutar pelos seus direitos e princípios”

Neste exemplo, o discurso indireto iniciado pelo verbo *citou* marca as diferentes formações discursivas a que pertencem interlocutor e locutor. O trecho indicia duas construções de oposição que desqualificam o discurso e o anti-ethos do sr. EBM. A primeira oposição sugerida se constitui a partir dos adjetivos *vagabunda* e *indolente* – utilizados pelo sr. E.B.M. e retomados (refutados) pelo locutor em sua carta – contrapostos à atitude dos jovens em *lutar pelos seus direitos e princípios*, defendida pelo locutor; já a segunda oposição sugerida é constituída a partir do adjetivo citado *indisciplinada* contraposto às palavras do locutor *não precisou partir para a violência...* Nesse movimento, os adjetivos utilizados por E.B.M. atacados pelo locutor, que tenta ressaltar o discurso do seu interlocutor como mentiroso, errôneo, decorrente de uma idealização falsa da juventude. De acordo com o sistema semântico do locutor, *vagabundos* e *indolentes* não lutam pelos seus direitos, assim como *indisciplinados* não reivindicam de maneira pacífica e ordeira. Essas contradições ressaltadas no trecho da carta, colaboram com a construção do anti-ethos e com a desqualificação do discurso do sr. EBM, caracterizando-os como ingênuo e simplista respectivamente.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta de carta argumentativa do Vestibular de 1993, assim como a maioria das propostas do período de 1987 a 2003, mostra que a ficcionalização traz um texto de opinião de um sujeito e pede para que o vestibulando, em sua carta, argumente a fim de discordar da sua opinião. A análise de cartas argumentativas produzidas a partir dessa orientação, no Vestibular de 1993, indicia a construção de uma relação polêmica, em que

a argumentação do locutor é construída a partir de argumentos e, sobretudo, a partir da desqualificação do discurso e do ethos do seu interlocutor. Essa análise também indicia que a citação das palavras do outro – do interlocutor – no fio da argumentação pode ser considerada a principal estratégia argumentativa na desqualificação do ethos e do discurso do seu interlocutor, caracterizando a argumentação no gênero carta argumentativa do Vestibular da Unicamp.

---

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- BAKHTIN, M. M. (1895-1975[2003]). “Os Gêneros do discurso”, in: *Estética da criação verbal*. 4ª edição. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes.
- BARTON, D.; HALL, N. (1999). “Introduction”, in: *Letter writing as a social practice*. Vol. 9. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins Publishing Company.
- BAZERMAN, C. (2005). “Cartas e a Base Social de Gêneros Diferenciados”, in: *Gêneros Textuais, Tipificação e Interação*. São Paulo: Cortez.
- MAINGUÉNEAU, D. (1997). *Novas tendências em análise do discurso*. 3ª edição. Tradução de Freda Indursky. Campinas: Pontes.
- \_\_\_\_\_. (2005a). “Ethos, cenografia, incorporação”, in: Ruth AMOSSY (org.), *Imagens de si no discurso: a construção do ethos*. Tradução de Dilson Ferreira da Cruz, Fabiana Komesu, Sírio Possenti. Campinas: Editora Contexto, pp. 69-92.
- \_\_\_\_\_. (2005b). *Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições.
- SCHNEUWLY, B. (2004). “Palavra e ficcionalização: um caminho para o ensino da língua oral”, in: *Gêneros orais e escritos na escola*. Tradução e organização de Roxane Rojo, Glais Sales Cordeiro. Campinas: Mercado de Letras, pp. 129-147.